

A GEOGRAFIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO SUBDESENVOLVIMENTO DO TERCEIRO MUNDO

Horieste Gomes

"o neocolonialismo é a nova forma do imperialismo se ajustar ao novo poder do anti-imperialismo. É uma forma de colonialismo, no momento em que o imperialismo perdeu o controle direto político e militar sobre os países escravizados.

O neocolonialismo tende a substituir o velho controle político direto por manipulações econômicas e políticas mais indiretas e a dar um relevo sempre maior ao controle ideológico" (HALL, 1960).

O enquadramento de uma determinada região dentro de critérios que a definem como "não desenvolvida" tem as suas raízes históricas na expansão capitalista dos séculos XIX e XX.

Foi a chamada Revolução Industrial a grande responsável pelo desenvolvimento das forças produtivas que permitiram ao sistema capitalista fazer do globo terrestre um amplo mercado de compra e venda de suas mercadorias.

Outrossim, a mesma Revolução determinou também que o capital financeiro iniciasse a divisão econômica e política do mundo.

Durante o mencionado período de desenvolvimento econômico, acentuaram-se e aprofundaram-se as diferenças e desigualdade econômico/sociais existentes em vários países e regiões. O acentuar dessas anomalias, no dizer de um geógrafo marxista, preocuparam os capitalistas que se empenharam por

"encontrar uma teoria que justificasse a legalidade da sua posição neste desenvolvimento e esforçaram por explicar as causas destas diferenças e desigualdades" (BLECKERT, 1976)

* Professor do Departamento de Geografia da Universidade de Goiás.

O desenvolvimento que a Geografia experimentou na referida fase histórica veio a constituir-se num poderoso aliado teórico dos investidores capitalistas em dois sentidos:

1) — o de contribuir com farta e falsa argumentação que chegou adquirir foro de teoria — o determinismo geográfico —, teoria esta preconizada pelos geógrafos econômicos da burguesia daquela época e que planteavam como fundamental: se uma região estivesse desenvolvida economicamente isto se devia a um meio geográfico favorável, bem como à diligência e atividade dos seus habitantes.

Ao contrário, se estivesse subdesenvolvida, a explicação estaria fundamentada nas características desfavoráveis do meio geográfico e na insuficiente aplicação e diligência de seus habitantes.

Outra derivante do determinismo geográfico veio a se constituir no chamado “fatalismo geográfico” que alçava a posição geográfica como um fator determinante no processo de desenvolvimento dos povos.

Impingiram ao meio e ao homem a responsabilidade do subdesenvolvimento econômico/social que se grassava no dominado “Terceiro Mundo”. E, à medida em que se ampliavam os investimentos em determinadas atividades econômicas, ampliava-se também o caráter de exploração.

2) — o desenvolvimento da Geografia Regional, citando LA BLACHE, como exemplo, o introdutor do conceito das descrições regionais aprofundadas, as quais se centravam na descrição e abandono da explicação, contribuiu fortemente no sentido de a Geografia privilegiar os “aspectos permanentes do espaço” em detrimento da evolução econômica.¹

Esta maneira de conduzir a pesquisa geográfica funcionou como uma válvula de sucção despolitizante, e que impediu que as populações exploradas econômica e socialmente tivessem consciência real das causas dos seus infortúnios.

¹ Evidentemente, esta tônica em torno “dos aspectos permanentes do espaço” não tira o mérito do grande mestre da geografia humana francesa. Basta-nos recordar uma passagem, entre os seus inúmeros trabalhos, para refutarmos o determinismo geográfico:

“quem tentasse deduzir o grau de ocupação humana, baseando-se no clima e nos solos, se exporia a grandes erros”.

(LA BLACHE, 1954)

Assim, permanecia a Geografia Regional conivente com o sistema de exploração implantado. Exemplificando, temos a chamada "teoria da paisagem típica ou ideal", centrada no estudo comparativo entre paisagens, cujo papel exercido foi o de ocultar a verdadeira natureza da exploração econômica/social de que a região foi vítima. A paisagem do café no Brasil, da cana-da-açúcar em Cuba, da seringueira na Malásia etc., são alguns exemplos típicos, objeto dos estudos dessa "teoria".

Ambas as variantes foram utilizadas, de maneira exarcebada, em dois sentidos:

- o de contribuir devido ao seu próprio objeto de estudo regional... para facilitar o conhecimento no que diz respeito aos recursos e riquezas renováveis e não renováveis existentes nos países do Terceiro Mundo e expô-los à disposição dos colonialistas;
- o de ser utilizada (a Geografia) com o objetivo de isentar a classe capitalista exploradora de qualquer responsabilidade pelas profundas contradições que se agudizaram no mundo e que levaram as populações dos países "não desenvolvidos" a índices agravantes de pauperização e degradação.

Esta posição cômoda e subserviente da Geografia, melhor dizendo, dos seus "geógrafos", praticada em ambas as fases do sistema capitalista (colonialismo e imperialismo) trouxe como consequência a descaracterização do seu aspecto científico/social, o que significou, por um lado, no desenvolver do anti-cientificismo geográfico; por outro, serviu aos ditames dos colonialistas e imperialistas.

Em sua Geografia Política publicada no ano de 1897, RATZEL desenvolveu o conceito de "Estado como organismo vivo" e explicava a necessidade que tinha o Estado de ganhar "espaço suficiente", preparando assim o terreno para o aparecimento da Geopolítica. Com a estruturação desta ideologia disfarçada em ciência, operou-se o salto do determinismo geográfico da sociedade capitalista pré-monopolista para o determinismo da sociedade capitalista monopolista.

Foi baseado na Geopolítica que o Estado nazista construiu a "teoria do espaço vital", objetivando a ocupação de outros países e escravização de povos.

Criada por KJELLEN, na Suécia, a Geopolítica foi desenvolvida de forma belicista pela Alemanha de Hitler no período entre as duas guerras mundiais, através de campanhas sistemáticas pela ex-

pansão do espaço vital, sendo sem dúvida uma das causas da hecatombe que caiu sobre o povo alemão.

Basta invocar um trecho do artigo de VOHWINKEL, (*Zeitschrift für Geopolitik* 1939) para perceber, claramente, a preparação ideológica do expansionismo alemão:

“a primeira é a área real acupada inteiramente pelos alemães; a segunda, a área onde, além, dos alemães, encontram-se outros povos, prevalecendo, porém, a influência cultural germânica; e a terceira, aquela em que os alemães se encontram em minoria, mas, ainda devido à superioridade racial e cultural, tem direito de dominar”². (VOHWINKEL).

Sob a mesma bandeira expansionista, são as formulações teóricas e práticas do expansionismo estadunidense. SPYKMAM, geopolítico americano, assim coloca a questão no tocante a chamada “racionalização das economias latino-americanas”:

“somente a conquista do hemisfério pelos Estados Unidos e a implacável destruição das economias nacionais atualmente existentes podem realizar a integração necessária”. (SPYKMAM)

“O objetivo de tal política é a instauração de nova divisão internacional do trabalho no sul do continente, articulada em torno do Brasil, cada um dos países especializando-se em um número restrito de produtos destinados ao harmônico mercado regional, refletindo os passos das metrópoles imperialistas” (FREIRE, 1979).

FREIRE, em “Multinacionais e Trabalhadores no Brasil”, enfoca a política econômica do imperialismo norte-americano, nos seguintes termos:

“Estabelecendo uma aliança privilegiada com a burguesia brasileira no plano militar e econômico, os Estados Unidos lançaram sobre ele a responsabilidade da luta contra-revolucionária na região, permitindo-lhe em troca tornar-se o polo a partir do qual o imperialismo organizaria seu plano de integração econômica e de exploração do subcontinente” (FREIRE, 1979).

A Geografia, no período obscuro da história do povo germânico, submeteu-se à ideologia do Estado totalitário implantado, e HAUSHOFER foi considerado o mestre da geopolítica alemã.

² Recomenda-se a leitura do artigo de Samuel Valkenburg (1960) “Escola Germânica de Geografia” — in Boletim Geográfico nº 159 — IBGE.

Foi através da Geopolítica que surgiu na Alemanha Ocidental, após a Segunda Guerra Mundial, a ideologia do "revisionismo", cujo programa pregava e prega entre outros pontos, o *revanchismo*, e seus ideólogos planteavam como tônica a defesa dos postulados geopolíticos. No interior dos mesmos princípios atribuíam os erros cometidos no passado à incapacidade dos seus executores e não resultantes da anticientífica argumentação contida na natureza dos princípios geopolíticos.

Foi por intermédio da Geopolítica que o conceito malthusiano no tocante ao binômio população recursos³, foi formulado à base de uma premissa errônea:

"um homem que nasce num mundo já ocupado⁴, se a sua família não puder alimentá-lo e se a sociedade não puder ocupar o seu trabalho, não tem o menor direito de exigir qualquer porção de alimento e está realmente a mais na terra"⁵ (MALTHUS, 1974).

Malthus colocava com franqueza que o objetivo de sua doutrina visava impregnar nas massas populares essa concepção do mundo. Esperava a "esperança" de que todo indivíduo "das classes inferiores da sociedade", após conhecer a sua doutrina, "se mostraria disposto a suportar com paciência a situação penosa e se sentiria menos descontente e irritado contra o governo e contra as classes superiores, com motivo de sua pobreza. Não o veríamos disposto em todo momento à insubordinação e à turbulência" (MALTHUS, 1974)

Percebe-se visivelmente em sua doutrina a intenção deliberada no sentido de desviar a atenção das "classes inferiores" em torno dos fatores sócio-econômicos (miséria, desemprego...) e fixá-la nos problemas de crescimento populacional.

3 A população cresce segundo uma progressão geométrica, enquanto que os meios de subsistência crescem segundo uma progressão aritmética.

4 A afirmação "mundo já ocupado" não corresponde à realidade concreta do mundo ecúmeno. Sabemos que a Terra ainda possui um baixo índice demográfico e que o espaço geográfico, por si só, não possui as condições do "quantum populacional".

Um superpovoamento regional melhor se definiria em termos:

- do espaço considerado;
- dos recursos mobilizados comparáveis aos mobilizáveis, isto é, os que podem ser mobilizados;
- da acessibilidade da população aos recursos;

5 Esta argumentação apresentada inverte a responsabilidade quanto ao sustento do homem como ser social. O Estado, tem o *dever* de oferecer trabalho condigno a todo cidadão. Se assim não procede, ele viola o direito natural do ser humano de existência social.

A humanidade não vive o anarquismo, corrente política-social pequeno-burguesa hostil a todo poder.

Muitas foram no passado e muitas são no presente as tentativas que objetivam controlar e restringir as populações dos países do "Terceiro Mundo", tentativas estas que ocultam interesses escusos. Publicações como "O Caminho da Sobrevivência", de VOST,, ou "A Superpopulação no Mundo", de BOUTHOU, são alguns exemplos elucidativos desses objetivos.

Diz um autor:

"a ligação entre o peso populacional e atraso da economia no Terceiro Mundo — desafiando análises científicas elementares — tem sido um instrumento conveniente para o imperialismo e os teóricos apoloéticos desviarem a atenção do povo do Terceiro Mundo da luta contra o capital monopolista mundial e seus aliados naturais como o único caminho genuíno para o desenvolvimento. Deste modo, um representante do imperialismo tão intocável como o presidente Johnson dos E.U.A. no seu discurso em 25 de junho de 1965 perante as Nações Unidas declarou que "cinco dólares investidos no controle populacional valem 100 dólares investidos no crescimento econômico". (CHATTOPADHYWAY, 1977)

Neste mesmo ano, a USAID iniciou os notórios estudos da KAP (sabedoria, atitude e prática) sobre o planejamento familiar em 22 países do mundo "não desenvolvido".

No mesmo documento o autor pontifica que:

"uma refutação eficaz da teoria neo-malthusiana é a de Simon Kuznets que, na sua pesquisa sobre a relação entre a população e o crescimento econômico, mostrou que em quarenta países não conseguiu encontrar qualquer interdependência entre os dois fenômenos"⁶ (CHATTOPADHYWAY, 1977).

Como é do conhecimento, as teorias econômicas burguesas enfocam a questão do subdesenvolvimento dos povos do "Terceiro Mundo" sob duas teses:

1) *universalismo* — o subdesenvolvimento é entendido sob "a trajetória histórica do tempo", isto é, os países subdesenvolvidos estão vivendo o período histórico que as nações capitalista avançada viveram há 100, 200 anos. Eliminar o subdesenvolvimento seria uma questão de tempo histórico (ROSTOW, como exemplo);

⁶ Ver também o livro de KUZNETS, S. (1967) "Population and Economic Growth" in Proceedings of the American Philosophical Society, vol. II, nº3.

2) *particularismo* — os países do Terceiro Mundo possuem condições específicas e não podem jamais ser comparados aos desenvolvidos. O subdesenvolvimento é uma decorrência da política levada pelo “centro” em detrimento da “periferia”. Foram os mecanismos de livre comércio e a divisão internacional de trabalho, consagrado pelo princípio das “vantagens comparativas”, que possibilitam o desenvolvimento econômico dos países capitalistas avançados e, simultaneamente, tolheu o desenvolvimento do Terceiro Mundo.

Sob o ângulo desta tese crítica, o imperialismo joga um papel central na criação do subdesenvolvimento (MYDAL, GALTUG, como exemplos)

A primeira é de uma fragilidade total, desprovida do caráter real do conhecimento humano, dado que atribui ao tempo em si (determinismo temporal) a responsabilidade do subdesenvolvimento dos povos. Ignora ou finge ignorar que a História é o produto de lutas políticas, as quais são lutas de classes que buscam a emancipação econômica. Ignora ou finge ignorar que as forças produtivas do capitalismo são manipuladas pela classe que detém o controle dos meios de produção e que visam, unicamente, o pleno exercício da “lei do lucro máximo”. É pela prática desta que se processa o saque do “mundo não desenvolvido”.

A segunda é limitada em função de prender-se aos aspectos visíveis e fenomenais da exploração imperialista contidos nos mecanismos de troca e de distribuição em detrimento da essência do fenômeno responsável pelo subdesenvolvimento que se encontra nas *relações de produção*.

Hoje, as análises burguesas centram-se no estudo dos elementos do “equilíbrio do subdesenvolvimento” (peso populacional, baixa produtividade, baixo rendimento, reduzida poupança e procura efetiva, baixo nível de investimento etc.) como se os mesmos fossem engendrados por características inerentes aos próprios países não desenvolvidos, e não como decorrentes das explorações praticadas pelo colonialismo e imperialismo.⁷

A Geografia, neste contexto de compreensão das causas do subdesenvolvimento, insere-se como uma colaboradora eficiente e comprometida. Como ciência preocupada em conhecer, no conjunto dos espaços, o peso dos fatores de ordem física, econômica e social

⁷ termo empregado por Ragner Nurkse resultante de vários fatores citados, constituindo uma espécie de “círculo vicioso entrecruzado”.

como pré-condição indispensável para o desenvolvimento das regiões, ela integra-se no

“quadro das funções exercidas pelo aparelho de Estado, para o controle e organização dos homens que povoam o seu território a para a guerra” (LACOSTE, 1977).

As chamadas “novas cidades ou novos bairros” das nações sub-desenvolvidas (o exemplo brasileiro é expressivo) primam pelas “plantas retangulares e pelos cinturões envolventes”, que são utilizados como mecanismos de fácil controle das populações neles acantonadas.

O reordenamento do território — daí a importância das análises espaciais — situa-se, hoje em dia, intrinsecamente ligado aos problemas político/administrativos, os quais jogam como fundamental a existência de uma rede de dominação exercida pelo aparelho de Estado e pelo império das multinacionais.

Segue o mesmo autor:

“É preciso ter bem claro que o reordenamento do território não visa apenas maximizar o lucro, mas também organizar estrategicamente o espaço econômico, social e político de modo que o aparelho de Estado possa estar à altura de esmagar os movimentos populares” (LACOSTE, 1977).

As políticas de descentralização industrial e de reordenamento do território levadas à prática em muitos países, tendo a Geografia como colaboradora, primaram por manter a descentralização das empresas dependentes da empresa-matriz.

Isto significou manter o operariado disperso, esparso, sem unidade, objetivando impedir a sua luta reivindicatória e política⁸.

Lacoste revela-nos um exemplo significativo de estratégia geográfica que os capitalistas empregaram no sentido de impedir a organização do operariado lionês como força política:

8 Por exemplo, a exploração da mão-de-obra trabalhadora brasileira, cujos níveis salariais são medíocres perante as necessidades existentes. Paulo Freire em “Multinacionais e Trabalhadores no Brasil”, plantea a seguinte interrogação acompanhada das estatísticas que revelam a resposta:

“Quanto ganham os brasileiros?”

14,7% ganham 1/2 do salário mínimo;
28,7% ganham de 1/2 à 1 salário mínimo (ou seja 43,4% ganham menos do que um salário mínimo);
29% ganham de 1 a 2 salário mínima (conforme a taxa de inflação, o valor de salário mínimo deveria ser 2 e 1/2 atual).
Quer dizer que 72,4% da população recebe um salário menor do que deveria ser o salário mínimo.

“Na primeira metade do século XIX, os capitalistas lioneses puseram em prática uma verdadeira estratégia geográfica com o fim de esmagar a força política dos operários. O trabalho da seda, até então concentrado em Lion, foi espartilhado num grande número de operações técnicas; estas foram disseminadas numa grande área: só cada “comerciante-fabricante” sabia onde se encontravam as numerosas oficinas que trabalhavam para ele, ignorando o pessoal de cada uma delas onde se encontravam os outros. Assim, os trabalhadores dispersos, não conseguiam já organizar ações de conjunto. Um belo exemplo de estratégia geográfica do capitalismo que cada militante deveria meditar; longe de pertencer ao passado, esta estratégia é sistematicamente posta em prática de há uma dezena de anos, com o desenvolvimento de fenômenos de subempreitada e com as políticas de descentralização industrial e de reordenamento do território” (LACOSTE, 1977).

As multinacionais dos nossos dias localizam-se em espaços físicos ou econômicos previamente analisados e são regidas pelo princípio de produzir onde os custos são baixos e vender onde os preços são altos. Elas procuram investir nas regiões providas de vantagens efetivas, tais como: mão-de-obra barata e abundante; abundância de matérias-primas; política protecionista do aparelho de Estado; apoio da burguesia rural ou urbana etc. . Enfim, são vantagens reais existentes — salariais, protecionistas, tributárias, monetárias, ideológicas, naturais etc. — nos diversos locais e regiões do imenso território do mundo dependente.

A internacionalização do capital, no mundo capitalista, prende-se a essa procura de regiões onde as condições são vantajosas e a geografia acha-se bastante comprometida com o grande capital monopolista, como colaboradora eficiente na determinação das referidas condições.

As grandes teses da Geografia situam-se em dois níveis:

- o da reprodução, isto é, manipulam conhecimentos já revelados;
- o da criação, este significa a produção de novas informações e de construções científicas.

Os seus autores também situam-se em dois planos: 1) — o de encarar o saber pelo saber, a ciência pela ciência. Ciência e sociedade para eles são realidades dissociadas, desprovidas das viculações de interdependência; 2) — de encarar o saber científico como conquista do homem no seu processo de conhecimento infinito do mundo da

natureza, da sociedade e da sua própria consciência. O saber é visto como um processo de construção possibilitado pelo avanço contínuo das ciências. Ciências e sociedade estão intimamente vinculadas, estruturadas numa unidade dialética, em que as verdades relativas são meios para se atingir a verdade absoluta.⁹

Os primeiros, ao esposarem a Geografia como ciência pela ciência, mutilam a essência social contida em todo fato geográfico.

Enfatiza um autor:

“levantar científico-tecnicamente o fato geográfico é necessário. Todavia, mantê-lo estritamente nesta esfera do conhecimento é deixá-lo inacabado. É parar no meio do caminho. É reter a mensagem social que deve ser levada a todos para que se inteirem de uma realidade concreta e possam, pelo conhecimento e atos, promover o bem estar coletivo” (GOMES, 1969).

Um expressivo número deles dissociam ciência da política, ignorando ou subestimando o papel central que a política exerce na condução e aplicabilidade das conquistas científicas. Não percebem que a maioria de suas teses serão manipuladas por poucos que detêm o poder político, quer seja a nível de empresas industriais, comerciais, financeiras... ou a nível de Estado.

Isto significa, em última instância, que estes “geógrafos” sentem-se realizados em obter os dados técnicos-científicos, interpretá-los e estruturá-los sob uma metodologia, mas sem nenhuma preocupação relevante no que concerne à maneira que, por quem, sob qual ou quais propósitos os seus estudos serão utilizados por outros. Entre eles, os mais comprometidos — tanto se enquadram os do primeiro ou do segundo grupo — são aqueles “compromissados conscientemente” com as denominadas “elites do poder”. As suas teses são construídas para servir a interesses de grupos ou de classes, em detrimento da sociedade global.

Para eles, os propósitos escusos, por exemplo, o caráter exploratório exercido pelas multinacionais possui a mesma conotação que os interesses que as empresas nacionais possuem.

9 por “verdade relativa” entendemos que o conhecimento humano sobre o objeto que se estuda, que se pesquisa, não é completo. O objeto em estudo contém elementos que serão aprofundados, modificados, precisados e substituídos por outros, na proporção em que se amplia o progresso do conhecimento humano através do avanço das ciências.

Por “verdade absoluta”, aquela que, naquele dado momento histórico, representa o estágio científico mais avançado sobre o objeto que se estuda. Ela é formada pelo conjunto das verdades relativas.

Em nossos dias, os meios de exploração contra as populações do mundo não desenvolvido são mais velados, sutis. Há o emprego de poderosos meios de comunicação, notadamente os áudio-visuais (TV e cinema), bem como o esporte como ideologia, os quais jogam um papel poderoso no mundo capitalista, no sentido de anestesiar o nível evolutivo das classes sociais exploradas.¹⁰

Muito boa análise do futebol como ideologia, encontramos no livro de VINNAI:

“a técnica da direção das massas desenvolve a indústria da diversão, que mantém diretamente controlado o tempo livre. O jogo de futebol organizado faz parte dessa indústria que faz ingerir e cimentar o princípio de realidade dominante, mantendo assim “na linha” as vítimas do aparelho industrial alienado” (VINHAI, 1970).

Outrossim, significativa parcela das populações dos “países não desenvolvidos” foram relegadas ao analfabetismo, ao obscurantismo político, durante décadas; portanto, são presas de fáceis manipulações e ignoram, em sua maioria, as causas e agentes determinantes dos seus infortúnios.

Dentro dos mesmos objetivos, pratica-se a violência contra as classes sociais trabalhadoras dos países capitalistas dependentes, através de mercenários financiados pelo grande capital monopolista; através da proliferação de doutrinas e seitas místicas financiadas pelos interesses espúrios do imperialismo, e através das elites que controlam o aparelho de Estado possuidor de missão bem definida: defender a ideologia do sistema da classe exploradora.

Os profundos conflitos ligados à posse e uso da terra, ligados às reivindicações salariais, às lutas democráticas etc., na América Latina, são alguns exemplos concretos dessa triste realidade.

O século XIX, além de ter sido o século da primeira grande Revolução Industrial, foi ainda o período histórico em que, uma vez concluída a colonização do mundo, intensificaram-se os níveis de exploração do chamado “mundo não desenvolvido”. Também, foi marcado pelas guerras colonialistas entre países tidos como desenvolvidos que se encaminharam para o imperialismo, no tocante à partilha das terras do Terceiro Mundo.

10 Na atualidade, é a televisão que desempenha o papel central como mecanismo ideológico, a fim de anestesiar a consciência crítica das pessoas.

Outra resultante foi o agravar das contradições sociais em todo o mundo. E foi durante esta fase histórica que a ciência geográfica perstou-se a servir melhor os interesses da classe exploradora, desintegrando-se em partes isoladas e independentes, para melhor exercer a sua "função cooperadora".

A Geografia, no dizer do geógrafo alemão Heinz Sanke,

"devido a essas relações e necessidades capitalistas, subdividiu-se, cada vez mais, em numerosas disciplinas coordenadas, que se limitam ao estudo das leis de determinadas condições geográficas, desprezando o estudo das leis do desenvolvimento do meio geográfico no seu conjunto". (SANKE, 1960).

— O saldo deixado pelo colonialismo e o imperialismo é o atestado mais categórico do empobrecimento degradante a que chegaram os povos da Ásia, África, América Latina etc..

Em 1949, somente 18% da população mundial guardava para si cerca de 76% do rendimento global, 82% da população dividiam os 24% restantes, sendo que a grande maioria (67%) não ultrapassava os 15% do dividendo.

No primeiro rupo, o rendimento médio por habitante correspondia a 915 dólares, enquanto que no segundo, apenas a 54 dólares (cifra esta 16 vezes inferior ao rendimento médio do primeiro grupo).¹¹

No dizer de Paul Baran, em sua "Economia Política do Crescimento", os países colonizados são vítimas de subalimentação, miséria e doença.

Josué de Castro descreve muito bem, em sua famosa obra "Geopolítica da Fome", estes níveis de empobrecimento, notadamente alimentar — fome crônica e carencial — a que chegaram os povos submetidos ao sistema colonialista/imperialista, bem como as vítimas do estado totalitário alemão.¹²

À humilhação das populações autóctones; à opressão sobre a ofensiva nacionalista; ao acentuar das desigualdades sociais, juntou-se o jugo econômico.

¹¹ dados percentuais do economista britânico Ragner Nurkse, citados no livro de MAL'VOLKOV "A Estratégia Atual do Neocolonialismo".

¹² além da obra mencionada, o autor escreveu uma série de livros de caráter geográfico/social, com enfoque do contexto brasileiro. Veja como exemplo "Geografia da Fome". Recomenda-se também a leitura do livro intitulado "Introdução À Geografia Médica Do Brasil" de Carlos da Silva Lacaz, Robert G. Baruzzi e Waldomiro Siqueira Júnior.

Com a abolição do “colonialismo clássico”, processou-se a implantação do neocolonialismo. No dizer de um escritor norte-americano,

“o neocolonialismo é a nova forma do imperialismo se ajustar ao novo poder do anti-imperialismo. É uma forma de colonialismo, no momento em que o imperialismo perdeu o controle direto político e militar sobre os países escravizados”. (HALL, 1975).

E prossegue:

“o neocolonialismo tende a substituir o velho controle político direto por manipulações econômicas e políticas mais indiretas e a dar um relevo sempre maior ao controle ideológico” (HALL, 1975).

O relatório Pearson, publicado em 1906, intitulado “Partners in Development”, veio a ser uma tomada de posição dos grupos monopolista ante a nova realidade objetiva que se desencadeou, principalmente a partir da década 60, tendo como característica fundamental os movimentos de libertação nacional.¹³

Tendo em vista a gravidade da situação que se avolumava e colocava em perigo os interesses dos investidores, acentuou o “relatório” a necessidade de projetar novas formas táticas e uma nova estratégia.

Através da divisão do trabalho, objetivaram proceder a posse dos recursos e riquezas do Terceiro Mundo de uma maneira mais habilidosa. Criou-se a chamada “teoria da interdependência desenvolvimentista”, identificada com o desenvolvimento das trocas mundiais.

Na atualidade, ela é a bandeira dos monopolistas que procuram mostrar as multinacionais possuídas de uma outra face, isto é, como um fator decisivo de renovação econômica mundial.

A independência econômica das nações é identificada por esses ideólogos defensores do capital monopolista como sinônimo de isolamento e de confinamento.

¹³ Lester Pearson, Edward Boyle, Douglas Dillon, Arthur Lewis, Roberto Campos e outros como participantes da elaboração do “Relatório Pearson — 1969” (Partners in Development). Partes do “relatório” encontram-se no livro de MAI'VOIKOV (1977) “A Estratégia Atual do Neocolonialismo”, edição portuguesa, Lisboa.

A lei objetiva da internacionalização das economias é colocada em prática, mas não o seu postulado fundamental:

a igualdade absoluta de todas as partes.

É evidente que a Geografia continuará, sob o prisma dessa nova realidade objetiva, a ser falseada por "geógrafos" que se identificam com o sistema de exploração.

Enquanto existir sociedades de classes antagônicas, existirão profundas contradições no seu interior, conseqüentemente a Geografia em seus dois módulos científicos — a investigação teórica e a aplicada — será exercida, por muitos, em função de interesses de classes e de grupos.

Cabe à História, como processo objetivo fundamentado em leis do desenvolvimento social, as quais são independentes da vontade e da consciência dos homens e, as quais se realizam sempre através da atividade humana, julgar os "compromissados geógrafos" pelas suas cotas de responsabilidade na pauperização política, econômica e social dos povos do Terceiro Mundo.

BIBLIOGRAFIA

- (1) — BLECKERT, H. (1976) — "Geografia Economica Marxista" — tradução Iniciativas Editoriais, Lisboa.
- (2) — CHATTOPADHYWAY, P. — "Relatório Sobre o Subdesenvolvimento do Terceiro Mundo" — in Leituras do Imperialismo Hoje — Iniciativas Editoriais, Lisboa 1977.
- (3) — FREIRE, P. (1979) — "Multinacionais e trabalhadores no Brasil" — Editora Brasiliense.
- (4) — GOMES, H. (1969) — "A Missão Geográfica" — in Geografia Sócio-Economica de Goiás-Goiânia.
- (5) — HALL, C. (1975) — "Imperialism Today-an Evaluation of Major Issues and Events of Our Time" — tradução Editorial Estampa, Lisboa.
- (6) — LA BLACHE, V. (1954) — "Princípios de Geografia Humana" — Ed. Comos — Lisboa.
- (7) — LACOSTE, Y. (1976) — "La Géographie, Ça Sert, D'abord, à Faire la Guerre" — François Maspero, Paris — Tradução em português pela Iniciativas Editoriais, Lisboa 1977.

- (8) — MALTHUS, T. R. (1954) — “Essay on Population” — London, 1798 — in Teoria de la Poblacion-Editorial Progresso, Moscou.
- (9) — SANKE, H. (1960) — “Manual de Geografia Política e Economica” — RDA, Berlim, citado por BLECKERT in “Geografia Economica Marxista.
- (10) — SPYKMAM, N. J. (1979) — citado por Paulo Freire em “Multina-
cionais e Trabalhadores no Brasil” — Editora Brasiliense.
- (11) — VINNAI, G. (1970) — “Fussballsport als Ideologie” — Frankfurt,
— tradução italiana “Il Calcio Come Ideologie” — Bologna, Gua-
raldi Editore.
- (12) — VOHWINKEL, K. — “Zeitschrift für Geopolitik-1939” — tradução
IBGE, Rio de Janeiro.

RESUMO

O artigo se propõe, na análise das várias fazes pelas quais passou a geografia, desde o “fatalismo geográfico” onde são imputados ao meio e ao homem a responsabilidade pelo subdesenvolvimento economico, até a Geografia Regional com a “teoria da paisagem típica ou ideal”. Desde a Geografia Política com seu “Estado como organismo” à Geopolítica e ao malthusianismo, traçar um paralelo entre a expansão capitalista dos séculos XIX e XX e a produção de um conhecimento — *o geográfico* — e de uma ciência — *a geografia* — como um dos muitos instrumentos teóricos utilizados pelo capitalismo para justificar e divulgar, mascarando, sua estratégia de dominação do mundo.

Refere-se ainda à internacionalização da economia capitalista — as multinacionais — e as teorias burguesas sobre o desenvolvimento. O lugar ocupado por uma geografia comprometida com os grandes capitais monopolistas, e dissociada tanto do mundo da política como dos problemas reais do mundo subdesenvolvido.

RÉSUMÉ

L'article se propose, vers l'analyse des divers phases pour qui a passé la Géographie, dès le “fatalisme géographique”, où son imputée au milieu e au l'homme la responsabilité par le sousdeveloppement économique, à la Géographie regional, avec sa théorie de la “paysage típique ou idéal” dès la Géographie Politique avec son “État comme organisme”, à la Geopolitique

et au malthusianisme, tracer un parallèle entre l'expansion capitalist des siècle XIXème et XXème, et la production d'une connaissance — *le géographique* — et d'un science — *la géographie* — comme l'un entre plussiers instruments théoriques utilisé par le capitalisme pour justifier, divulguer, en déguisant, sa strategie de domination dans le monde.

On fait reference aussi, à la internationalization de l'économie capitaliste — les transnationales — et les théories burgeoises sur le sousdeveloppement. La place occupé par une géographie qui était compromise avec les grands capitals monopolistes, et dissociée autant du monde de la politique que des problèmes réales du monde sousdeveloppé.

ABSTRACT

The paper propose, in the analysis of some stages for that geography passed, since the "Geographic fatalism" where are imputed to the environment and the man the responsibility of the economic underdeveloppement, to the Regional Geography with its "Typical and ideal paysage theory". Since the Political geography with its "The State like a organism" to the Geopolitics and to malthusianism, to draw a parallel between the capitalist expansion in the XIXth and XXth centuries, and the production of a knowledgement — *the geografic* — and a science — *the geography* — like one of a many theoric tools used by the capitalism to justify, to disclose, to mask its strategy of world domination.

The paper also refers to the internationalization of capitalist economy — the transnationals and the burgeoises theories about the underdeveloppement. The place filled by a geography engaged with the great monopolistics capitals and dissociated as much of political world as of the reals problems of the underdevelopped world.